

Qual caminho seguir para a libertação palestina?



Por **JOSEPH DAHER***

Israel não atingiu seus principais objetivos em Gaza de destruir o Hamas e limpar etnicamente a população, e foi desacreditado e deslegitimado globalmente como um estado genocida, colonialista e de apartheid

O acordo de cessar-fogo entre o Hamas e Israel, que conduziu uma guerra genocida contra os palestinos em Gaza por mais de um ano, coloca questões estratégicas para a luta de libertação palestina e aqueles em solidariedade a ela. Até agora, a estratégia dominante tem sido cultivar uma aliança com o chamado “Eixo da Resistência” do Irã para apoiar ataques militares a Israel, mas esse Eixo sofreu reveses devastadores com o poder combinado de Israel e dos EUA.

Os assassinatos repetidos de líderes iranianos por Israel e os ataques diretos ao próprio Irã expuseram as fraquezas e os desafios que o Irã enfrenta na região. A guerra brutal de Tel Aviv contra o Líbano prejudicou significativamente o Hezbollah, a joia da coroa do Eixo do Irã, e puniu coletivamente o povo libanês, particularmente a base do Hezbollah na população xiita do país. A queda do outro aliado regional próximo do Irã, Bashar al-Assad, minou ainda mais o Eixo. Apenas os Houthis no Iêmen sobreviveram ao ataque relativamente intactos.

É claro que Israel não atingiu seus principais objetivos em Gaza de destruir o Hamas e limpar etnicamente a população, e foi desacreditado e deslegitimado globalmente como um estado genocida, colonialista e de apartheid. No entanto, a estratégia de resistência militar a Israel com base no apoio do Eixo mostrou suas limitações, se não sua incapacidade de obter a libertação. Então, o que aprendemos sobre o Eixo? Qual é seu futuro? O que as massas da região pensam do Eixo? Qual é a alternativa à estratégia militar contra Israel? Como a esquerda internacional deve se posicionar nesses debates estratégicos?

Origens e desenvolvimento do chamado “Eixo de resistência” do Irã

Na década de 2000, o regime iraniano expandiu sua influência no Oriente Médio, principalmente por meio do Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica (CGRI). Ele aproveitou a derrota sofrida pelos EUA e seus aliados na chamada Guerra ao Terror no Oriente Médio e na Ásia Central. A ambição de George Bush por uma mudança de regime regional foi bloqueada pela resistência à ocupação do Iraque e do Afeganistão pelos EUA. O Irã garantiu aliados com vários partidos e milícias fundamentalistas islâmicos xiitas do Iraque e seus representantes em instituições estatais, tornando-se a potência regional mais influente do país.

O Irã também aumentou sua influência no Líbano principalmente por meio de sua aliança com o Hezbollah, que cresceu em popularidade após sua resistência contra a guerra de Israel no Líbano em 2006. Desde meados da década de 1980, Teerã apoiou o Hezbollah, fornecendo-lhe financiamento e armas. Na década de 2010, o regime iraniano também fortaleceu suas

relações com outras organizações na região, particularmente o movimento Houthi no Iêmen, especialmente após a guerra da Arábia Saudita no país em 2015. Desde então, o Irã tem fornecido apoio militar aos Houthis. Além disso, Teerã fez uma aliança estreita com o Hamas nos territórios palestinos ocupados.

A aliança regional do Irã atingiu seu pico no final da década de 2010 com o Hezbollah dominando a cena política no Líbano, as milícias iraquianas afirmado seu poder, as próprias forças do Irã combinadas com as do Hezbollah apoiando a contrarrevolução de Assad na Síria e os Houthis garantindo uma trégua com a Arábia Saudita. O CGRI tem sido o principal agente na consolidação do Eixo. É até certo ponto um estado dentro do estado no Irã, combinando força militar, influência política e controle sobre um grande setor da economia nacional. Ele realizou intervenções armadas no Iraque, Síria e Líbano.

Buscando poder regional, não libertação

O Irã tem tentado alcançar um equilíbrio regional de poder contra Israel e os EUA, bem como perseguir seus próprios objetivos militares e econômicos na região. O regime vê qualquer desafio à sua influência no Iraque, Líbano, Iêmen e Faixa de Gaza, seja de baixo por forças populares ou de Israel, outras potências regionais e os EUA como uma ameaça aos seus interesses. Sua política é inteiramente movida por seus interesses estatais e capitalistas, não por algum projeto libertador.

Isso explica por que o Irã e seus aliados no Eixo se opõem não apenas a outras potências antagônicas, mas também às lutas populares por democracia e igualdade. O regime iraniano nega a seus trabalhadores direitos básicos de se organizar, negociar coletivamente e fazer greve. Ele esmaga quaisquer protestos, prendendo e encarcerando dissidentes, dezenas de milhares dos quais definham como prisioneiros políticos nas prisões do país. O regime impõe opressão nacional aos curdos, bem como às pessoas no Sistão e no Baluchistão, provocando repetidamente a resistência, mais recentemente em 2019. Ele também sujeita as mulheres à opressão sistemática, criando condições tão intoleráveis que desencadearam o movimento de massa “Mulher, Vida, Liberdade” em 2022.

Teerã também se opõe a protestos populares contra seus aliados no Eixo. Ele condenou protestos em massa no Líbano e no Iraque em 2019, alegando que os Estados Unidos e seus aliados estavam por trás deles na disseminação de “insegurança e agitação”. Na Síria, o Irã forneceu suas forças, combatentes do Afeganistão e Paquistão, e militantes do Hezbollah como tropas terrestres, enquanto a Rússia mobilizou sua força aérea para apoiar a brutal contrarrevolução de Assad contra a revolta democrática em 2011.

Os aliados do Irã no Eixo também esmagaram movimentos populares. No Líbano, o Hezbollah colaborou com o resto dos partidos governantes do país, apesar de suas divergências, na oposição a movimentos sociais que desafiaram sua ordem sectária e neoliberal. Por exemplo, eles se uniram contra a Intifada Libanesa de outubro de 2019. O líder do Hezbollah, Hassan Nasrallah, alegou que a revolta foi financiada por potências estrangeiras e enviou membros do partido para atacar manifestantes.

No Iraque, milícias e partidos aliados ao Irã, como as Unidades de Mobilização Popular, reprimiram as lutas populares. Eles lançaram uma campanha violenta de assassinato e repressão de manifestantes civis, organizadores e jornalistas, matando centenas e ferindo milhares. Tanto o Hezbollah quanto as milícias iraquianas justificaram sua repressão aos protestos em 2019 alegando que eram as garras de potências estrangeiras. Na realidade, essas eram as expressões de pessoas ofendidas lutando por demandas legítimas para reformar seus países, não executando alguma agenda oculta de outro estado. É por isso que os ativistas levantaram slogans como “Nem Arábia Saudita, nem Irã” e “Nem EUA, nem Irã”.

Verdade seja dita, o Irã não é um oponente de princípios ou consistente do imperialismo dos EUA. Por exemplo, o Irã colaborou com o imperialismo dos EUA em suas invasões e ocupações do Afeganistão e do Iraque. O Irã também não é um

a terra é redonda

aliado confiável da libertação palestina. Por exemplo, quando o Hamas se recusou a apoiar o regime de Assad e sua repressão brutal à revolta síria em 2011, o Irã cortou sua assistência financeira ao movimento palestino.

Isso mudou depois que Ismael Haniya substituiu Khaled Meshaal como líder do Hamas em 2017, restaurando relações mais próximas entre o movimento palestino, o Hezbollah e o Irã. Mas os cismas entre o Irã e os palestinos permanecem, especialmente na questão da Síria. Grandes setores dos palestinos em territórios ocupados e em outros lugares celebraram a queda do aliado do Irã, Assad, que era amplamente visto como um tirano assassino e inimigo dos palestinos e de sua causa.

Além disso, a aliança do Hamas com o Irã foi criticada por segmentos de palestinos em Gaza, mesmo aqueles próximos à base do Hamas. Por exemplo, um grupo de palestinos derrubou um outdoor na Cidade de Gaza em dezembro de 2020 com um retrato gigante do falecido General Qassem Soleimani, que comandou a Força Quds do Irã, poucos dias antes do primeiro aniversário de sua morte. O ataque aéreo de Washington que matou Soleimani em Bagdá em 2020 foi condenado pelo Hamas, e Haniyeh até viajou para Teerã para comparecer ao seu funeral.

Esse grupo de palestinos denunciaram Soleimani como um criminoso. Vários outros cartazes e faixas com o retrato de Soleimani também foram vandalizados. Em apenas um vídeo, um indivíduo chamou o líder iraniano de “assassino de sírios e iraquianos”.

Tudo isso demonstra que o Irã e seus aliados desempenharam um papel contrarrevolucionário em vários países da região, opondo-se a protestos populares por democracia, justiça social e igualdade. Eles nunca foram um Eixo de Resistência, mas uma aliança comprometida com a autopreservação de seus membros e a afirmação do poder regional.

O eixo da limitação

Essa realidade foi confirmada pela resposta do Irã ao ataque do Hamas em 7 de outubro e à guerra genocida de Israel em Gaza. Enquanto o regime iraniano afirmava seu apoio ao Hamas e aos palestinos, ele consistentemente buscava evitar qualquer guerra generalizada com Israel e os EUA por preocupação com sua sobrevivência no poder. Por causa disso, o Irã conteve suas respostas aos repetidos ataques de Israel contra alvos iranianos e do Hezbollah na Síria e seus assassinatos de altos funcionários iranianos, incluindo no próprio Irã.

Teerã inicialmente tentou pressionar os Estados Unidos ordenando que milícias pró-iranianas no Iraque e na Síria atacassem bases americanas na Síria, Iraque e, em menor grau, na Jordânia. No entanto, após os ataques aéreos dos EUA em fevereiro de 2024, o Irã reduziu esses ataques ao mínimo. Apenas os Houthis no Iêmen continuaram a alvejar navios comerciais no Mar Vermelho e lançar alguns mísseis contra Israel.

O Irã conduziu operações militares diretamente contra Israel pela primeira vez desde o estabelecimento da República Islâmica do Irã em 1979, mas sempre de forma calculada, projetada para evitar qualquer confronto generalizado. Cada troca entre as duas potências prova isso. Em abril de 2024, o Irã lançou a Operação True Promise em resposta ao ataque de mísseis de Israel à embaixada iraniana em Damasco em 1º de abril, que matou dezesseis pessoas, incluindo sete membros do CGRI e o comandante da Força Quds no Levante, Mohammad Reza Zahedi.

Antes de o Irã retaliar, ele deu aos seus aliados e vizinhos um aviso de 72 horas para que eles tivessem tempo de proteger seu espaço aéreo. Dado esse aviso, a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos ajudaram a neutralizar o ataque compartilhando informações com Israel e os EUA. Os governos saudita e iraquiano também permitiram que aviões-tanque da Força Aérea dos EUA permanecessem em seu espaço aéreo para dar suporte às patrulhas dos EUA e aliados durante a operação.

a terra é redonda

Só depois de tudo isso, o Irã lançou trezentos drones e mísseis contra Israel, mas esse ataque foi amplamente simbólico e calculado para evitar causar danos reais. Os drones levaram horas para chegar ao seu destino e foram facilmente identificados e abatidos. O Irã, mais importante, não convocou seus aliados como o Hezbollah para se juntarem ao seu ataque. Após a operação, o Conselho Supremo de Segurança Nacional do Irã declarou que nenhuma outra ação militar estava planejada e que considerava o “assunto encerrado”.

Em outras palavras, o Irã realizou o ataque principalmente para salvar as aparências e impedir Israel de continuar seu ataque ao consulado iraniano em Damasco. Ao fazer isso, o regime iraniano deixou claro que queria evitar uma guerra regional com Israel e especialmente qualquer confronto direto com os EUA. O Irã agiu principalmente para proteger a si mesmo e sua rede de aliados na região.

Teerã então lançou um segundo ataque de quase 200 mísseis contra Israel em 1º de outubro para “vingar” os assassinatos de Hassan Nasrallah no Líbano e do líder do Hamas Ismail Haniyeh em Teerã. Embora isso tenha sido certamente uma escalada por parte do Irã, foi inteiramente projetado para evitar a perda de sua credibilidade entre seus aliados e apoiadores libaneses do Hezbollah. Mais uma vez, o ataque foi limitado e feito de forma a minimizar o confronto com Israel e os EUA.

Foi tão pouco convincente como um impedimento que em 26 de outubro, Israel lançou mais três ondas de ataques contra os sistemas de defesa aérea do Irã, em torno de locais de energia e instalações de fabricação de mísseis. Tel Aviv também queria bombardear instalações nucleares e petrolíferas iranianas, mas foi contida pelos EUA. Vários países árabes, com os quais Israel mantém relações diretas ou indiretas, também se recusaram a deixar bombardeiros e mísseis israelenses voarem sobre seu território. No entanto, os ataques revelaram a vulnerabilidade do Irã.

Seus aliados regionais foram expostos de forma semelhante, tanto em sua fraqueza quanto em sua contenção em resposta à guerra genocida de Israel. Embora o Hezbollah tenha lançado ataques no norte de Israel, estes foram novamente limitados e amplamente simbólicos. E Israel chamou seu blefe. Ele respondeu com um ataque terrorista de estado brutal detonando pagers fraudados carregados por quadros do Hezbollah, matando um número incontável de civis no processo. Ele também lançou uma guerra brutal no sul do Líbano, dizimando o Hezbollah como uma força militar e punindo coletivamente seus apoiadores na população xiita. Como resultado, o Hezbollah foi significativamente enfraquecido.

Além disso, o Irã perdeu seu outro aliado-chave, o regime de Assad na Síria, quando as forças derrubaram seu regime quase sem luta. Assad nunca foi um aliado da luta de libertação palestina. Seu regime manteve a paz em suas fronteiras com Israel e, em sua guerra contrarrevolucionária na Síria, ele atacou palestinos no campo de refugiados de Yarmouk e em outros lugares. É por isso que grandes setores dos palestinos celebraram a queda do regime sírio.

Com a queda de Assad, no entanto, o Irã perdeu sua base síria para coordenação logística, produção de armas e remessas de armas por toda a região, especialmente para o Hezbollah. Tudo isso enfraqueceu significativamente Teerã, tanto interna quanto regionalmente. É por isso que o Irã tem interesse em desestabilizar a Síria após a queda do regime, fomentando tensões sectárias por meio de suas redes restantes no país. Ele não quer uma Síria estável, especialmente uma com a qual seus rivais regionais possam formar uma aliança.

O único aliado do Irã que permanece relativamente intacto são os Houthis no Iêmen. Antes do cessar-fogo, Israel bombardeou repetidamente as forças Houthi em uma tentativa de enfraquecer o Eixo do Irã. Em dezembro de 2024, Tel Aviv intensificou sua campanha de ataques aos portos em Hodeida, al-Salif e Ras Isa controlados pelos Houthis para minar sua base econômica, que é derivada de impostos portuários, taxas alfandegárias e remessas de petróleo, reduzir suas capacidades militares e bloquear remessas de armas iranianas.

Israel também queria interromper os ataques Houthi a navios mercantes em apoio ao Hamas e aos palestinos. Eles interromperam o transporte na passagem de Bab el-Mandeb entre o Mar Vermelho e o Golfo de Áden, uma passagem pela qual passam até 15% do comércio marítimo global.

Como resultado direto, o Egito perdeu uma receita considerável quando o transporte marítimo internacional foi desviado do Canal de Suez para outras rotas. O porto de Eilat, no sul de Israel, também foi paralisado. Em resposta a essa ameaça ao capitalismo global, os EUA, a Grã-Bretanha e Israel lançaram ataques com mísseis e campanhas de bombardeio contra alvos Houthis.

Embora o Irã tenha prometido retaliar contra Israel, ele fez pouco no final, novamente querendo evitar qualquer guerra direta com Israel e os EUA. Tudo isso demonstra que o principal objetivo geopolítico do Irã não é libertar os palestinos, mas usá-los como alavancas, especialmente em suas relações com os Estados Unidos.

Da mesma forma, a passividade do Irã em resposta à guerra de Israel contra o Líbano e seu assassinato dos principais líderes políticos e militares do Hezbollah demonstrou ainda mais que sua primeira prioridade é proteger seus próprios interesses geopolíticos e a sobrevivência de seu regime. Isso inclui alcançar um *modus vivendi* com os próprios EUA. De fato, o principal objetivo do presidente Massoud Pezeshkian e do líder supremo Ali Khamenei é fechar algum tipo de acordo com Washington, fazê-lo suspender as sanções paralisantes sobre sua economia e normalizar as relações com os Estados Unidos.

Irã, Rússia e a busca pela multipolaridade

Ao mesmo tempo, a posição enfraquecida do Irã o levou mais fundo nos braços da Rússia em uma tentativa de proteger seu regime. Recentemente, ele assinou um "Acordo de Parceria Estratégica Abrangente" de 20 anos com Moscou prometendo cooperação em comércio, projetos militares, ciência, educação, cultura e muito mais. O acordo inclui uma cláusula prometendo que nenhum dos países permitiria que seu território fosse usado para qualquer ação que ameaçasse a segurança do outro, nem forneceria qualquer ajuda a qualquer parte que atacasse qualquer um dos países.

O acordo envolve cooperação contra a Ucrânia, esforços para fugir das sanções ocidentais e colaboração no Corredor de Transporte Norte-Sul, a iniciativa de Moscou para facilitar o comércio entre a Rússia e a Ásia. Mesmo antes deste acordo, o Irã já estava vendendo drones para a Rússia atacar a Ucrânia, enquanto a Rússia estava vendendo caças SU-35 avançados para o Irã.

A queda de Assad e o retorno de Donald Trump à presidência dos EUA certamente aceleraram a finalização do acordo de parceria. Mas foi principalmente o resultado dos crescentes desafios enfrentados por ambos os países nos últimos anos. Como observado, Teerã sofreu um tremendo revés no Oriente Médio, enquanto o fracasso de Moscou em alcançar a vitória total em sua guerra imperialista contra a Ucrânia minou sua posição geopolítica. E ambos os estados estão sofrendo as consequências de sanções ocidentais sem precedentes.

Cada país está desesperado para encontrar uma saída para sua situação difícil. O acordo deles é parte desse esforço. Ele promete "contribuir para um processo objetivo de moldar uma nova ordem mundial multipolar justa e sustentável". Essa linguagem de "multipolaridade" é uma pedra angular da estratégia geopolítica russa, chinesa e iraniana. Ela é usada para justificar sua própria economia capitalista, políticas imperialistas ou subimperialistas e programas sociais reacionários.

Infelizmente, algumas figuras e movimentos da esquerda adotaram sua retórica, promovendo uma visão de um sistema multipolar em oposição ao que eles veem como um mundo unipolar dominado pelos EUA. Na realidade, o surgimento de mais potências grandes e regionais e um mundo multipolar de estados capitalistas não é uma alternativa à unipolaridade, mas um novo e francamente mais perigoso estágio do imperialismo global. Embora o governo inigualável de Washington tenha sido horrível, o crescente conflito interimperial entre os EUA, China, Rússia e potências regionais como o Irã corre o risco de uma guerra mundial. Lembre-se de que a última ordem mundial multipolar desencadeou a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, quando estados imperialistas rivais lutavam pela hegemonia sobre o capitalismo global.

a terra é redonda

Além disso, grandes potências como China e Rússia que defendem a multipolaridade não oferecem alternativa para o Sul Global nem para a classe trabalhadora e os povos oprimidos em todo o mundo. São estados capitalistas cujas políticas econômicas reforçam velhos padrões de subdesenvolvimento; eles desindustrializam os países em desenvolvimento, prendem-nos na extração e exportação de matérias-primas para a China e, em seguida, consomem produtos acabados importados principalmente da China. Enquanto as classes dominantes desses países em desenvolvimento podem se beneficiar desse arranjo, a classe trabalhadora e os oprimidos sofrem desemprego, precariedade e devastação ambiental.

De forma mais geral, China, Rússia e o resto da chamada aliança BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul e outros) não desafiam de forma alguma a hegemonia do Norte Global sobre instituições como o FMI e o Banco Mundial, nem sua estrutura neoliberal. Na verdade, os estados BRICS estão realmente buscando o que veem como seu lugar de direito na mesa capitalista mundial.

A expansão do BRICS prova que não é uma alternativa. Em janeiro de 2024, seus novos membros convidados a se juntar incluem Argentina, Egito, Etiópia, Irã, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos. Ninguém em sã consciência pode alegar, por exemplo, que o estado da Argentina, governado pelo devoto perturbado de Ayn Rand e Donald Trump, Javier Milei, oferece uma solução para o Sul Global, seus trabalhadores e oprimidos. Na realidade, os estados do BRICS não desafiam o sistema capitalista global, mas disputam sua fatia do bolo dentro dele.

Portanto, é um erro desastroso para qualquer seção da esquerda ficar do lado de um campo de estados imperialistas e capitalistas contra outro. Isso não faz nada para promover o anti-imperialismo, muito menos as lutas dos trabalhadores e oprimidos em qualquer estado. Nossa orientação política não deve ser guiada por uma escolha de soma zero entre unipolaridade versus multipolaridade. Em todas as situações, devemos ficar do lado dos explorados e oprimidos e sua luta pela libertação, não de seus exploradores e opressores.

Aqueles na esquerda que imitam o apelo da Rússia, China e Irã por uma ordem multipolar se alinham com Estados capitalistas, suas classes dominantes e regimes autoritários, traendo a solidariedade com as lutas das classes populares dentro deles. Apoiar essas lutas não implica e não deve implicar apoio ao imperialismo dos EUA e seus aliados. Nossa solidariedade não deve ser com nenhum dos campos de estados capitalistas, mas com os trabalhadores e os oprimidos. Claro, cada campo de estados tentará transformar essas lutas em sua vantagem. Mas esse perigo não pode se tornar um álibi para reter a solidariedade com lutas legítimas pela emancipação.

Se o internacionalismo - a marca registrada de estar na esquerda - deve significar alguma coisa hoje, deve implicar o apoio às classes populares em todos os países como um dever absoluto, independentemente do campo em que estejam. Essas lutas são a única maneira de desafiar e substituir políticas repressivas e autoritárias. Isso é verdade nos EUA, bem como na China ou em qualquer outro país.

Devemos nos opor à calúnia cínica de qualquer regime de que protesto legítimo é resultado de interferência estrangeira ou desafio à sua soberania. Essa é a política do nacionalismo de direita, não do internacionalismo socialista.

Contra o imperialismo e o subimperialismo, pela emancipação de baixo

Tal abordagem é essencial, especialmente com a reconfiguração do poder regional no Oriente Médio e o retorno de Donald Trump ao poder nos EUA. O Irã e seu Eixo foram dramaticamente debilitados. Os EUA, Israel e seus aliados estão agora encorajados. A posição do Irã em futuras negociações com Donald Trump está enfraquecida, e sua economia continua a se deteriorar sob sanções e sua própria crise capitalista.

Diante dessa situação, Teerã provavelmente reconsiderará sua estratégia regional. Poderia concluir que sua melhor opção

a terra é redonda

pode ser adquirir armas nucleares para fortalecer sua capacidade de dissuasão e melhorar sua posição em futuras negociações com os Estados Unidos.

A esquerda, especialmente nos EUA e na Europa, deve se opor a qualquer beligerância adicional de Israel e dos EUA contra o Irã ou qualquer outra potência regional. Também devemos nos opor à guerra econômica deles contra o Irã por meio de sanções, que impactam desproporcionalmente as classes trabalhadoras do país. Ninguém na esquerda deve apoiar o estado dos EUA e seus aliados ocidentais; eles continuam sendo os maiores oponentes da mudança social progressista no mundo.

No entanto, não devemos cair na política de “o inimigo do meu inimigo é meu amigo” e apoiar o principal rival imperial de Washington, a China, nem inimigos menores como a Rússia. Eles não são estados imperialistas menos predadores e gananciosos, como atesta o histórico de Pequim em Xinjiang e Hong Kong, assim como o similar brutalidade de Moscou na Síria e na Ucrânia. Ninguém na esquerda deve apoiar o regime iraniano autoritário, neoliberal e patriarcal e suas políticas reacionárias e repressivas contra seu próprio povo e aqueles em outros países como a Síria.

A República Islâmica do Irã é inimiga das classes trabalhadoras no Irã e na região e não está lutando pela emancipação de seu povo. O mesmo vale para os aliados do Irã, como o Hezbollah na região, que desempenharam um papel contrarrevolucionário em seus respectivos países. E, como seu histórico durante a guerra genocida de Israel em Gaza prova, nem o Irã nem nenhuma outra força no chamado “Eixo da Resistência” se uniram genuinamente para lutar pela libertação da Palestina. O Irã, em particular, usou apenas oportunisticamente a causa palestina como alavanca para atingir seus objetivos mais amplos na região.

Na situação atual, é provável que, no curto prazo, o imperialismo dos EUA se beneficie do enfraquecimento do Irã e de sua rede regional. Ao mesmo tempo, a crise do capitalismo na região continua sem solução, a desigualdade continua a crescer e, com isso, as queixas entre os trabalhadores e os oprimidos aumentam a cada dia. Tudo isso continuará a produzir lutas explosivas, como aconteceu na última década e meia. Portanto, ao nos opormos aos EUA e outros imperialismos e potências regionais, nossa solidariedade deve ser com as lutas populares que ampliem o espaço democrático para que as classes populares se auto-organizem e constituam um contrapoder às suas próprias classes dominantes e seus patrocinadores imperiais.

Qual o caminho a seguir para a libertação palestina?

Somente tal estratégia tem a chance de transformar a ordem existente na região de forma progressiva e democrática. É também a pedra angular de uma estratégia alternativa para a libertação palestina à fracassada de dependência do Eixo do Irã.

Como o ano passado provou, Israel depende não apenas dos EUA, seu patrocinador imperial, para defender seu domínio colonial, mas também de todos os estados vizinhos. Todos eles normalizaram as relações com Israel, chegaram a acordos de fato de reconhecimento mútuo ou ofereceram, na melhor das hipóteses, uma oposição egoísta, inconsistente e não confiável.

Além disso, os rivais de Washington, China e Rússia, provaram ser não confiáveis. Eles investem em Israel, apenas oferecem críticas simbólicas e concordam com a solução de dois estados proposta, mas nunca implementada, pelo imperialismo dos EUA, uma solução falsa que, se fosse promulgada, na melhor das hipóteses ratificaria a conquista e o apartheid israelenses. Como resultado, os palestinos não podem olhar para nenhum dos estados regionais ou qualquer potência imperialista como aliados confiáveis em sua luta de libertação.

a terra é redonda

Mas os palestinos sozinhos não podem ganhar a libertação. Israel é uma grande potência econômica e militar muito superior aos palestinos. E, diferentemente da África do Sul do *apartheid*, que dependia e explorava trabalhadores negros, Israel não depende da mão de obra palestina. Não desempenha um papel fundamental em seu processo de acumulação de capital.

Na verdade, o objetivo histórico de Israel como um projeto colonial de colonos tem sido substituir a mão de obra palestina pela mão de obra judaica. Portanto, os trabalhadores palestinos sozinhos não têm o poder de derrubar o regime do apartheid, assim como os trabalhadores negros sul-africanos fizeram.

Então, quem são os aliados naturais e confiáveis dos palestinos na luta pela libertação? As classes populares da região. Dada sua própria história de domínio colonial, a esmagadora maioria se identifica com a luta dos palestinos. Além disso, a limpeza étnica da Palestina por Israel levou seu povo a todos os estados vizinhos como refugiados, consolidando laços entre os povos da região. Finalmente, as massas no Oriente Médio e no Norte da África se opõem à colaboração ou à falsa resistência de seus próprios governos a Israel.

Assim, as classes populares da região são coletivamente oprimidas pelo sistema estatal, seus interesses em desafiar esse sistema estão interligados, e elas possuem um tremendo poder para fechar suas economias, incluindo a indústria do petróleo - um poder que pode minar toda a economia mundial. Esses fatos promovem a solidariedade regional de baixo com base em um tremendo poder capaz de ganhar a libertação coletiva contra o sistema estatal regional. Isso é mais do que apenas potencial.

Ao longo do último século, a relação dialética entre a libertação palestina e a luta popular regional foi repetidamente demonstrada. Quando os palestinos resistem, sua luta desencadeou lutas regionais, e essas lutas realimentaram a luta na Palestina ocupada. O poder e o potencial dessa estratégia regional foram demonstrados em várias ocasiões. Nas décadas de 1960 e 1970, o movimento palestino desencadeou uma ascensão na luta de classes em toda a região. Em 2000, a Segunda Intifada inaugurou uma nova era de resistência, inspirando uma onda de organização que finalmente explodiu em 2011 com revoluções da Tunísia ao Egito e à Síria.

Da mesma forma, inspirados por essas revoltas revolucionárias alguns meses depois, dezenas de milhares de refugiados organizaram protestos em maio de 2011 no ponto mais próximo das fronteiras da Palestina no Líbano, Síria, Jordânia, Cisjordânia e Faixa de Gaza para comemorar a Nakba e exigir o direito de retorno. Centenas de refugiados palestinos que residem na Síria conseguiram penetrar as barreiras das Colinas de Golã e entrar na Palestina, agitando bandeiras palestinas e as chaves de suas casas palestinas. Previsivelmente, as forças israelenses reprimiram violentamente essas manifestações, matando dez perto da fronteira com a Síria, outros dez no sul do Líbano e um em Gaza.

No verão de 2019, os palestinos do Líbano realizaram protestos massivos por semanas em campos de refugiados contra a decisão do Ministério do Trabalho de tratá-los como estrangeiros, um ato que eles viam como uma forma de discriminação e racismo contra eles. Sua resistência ajudou a inspirar a revolta libanesa mais ampla de outubro de 2019.

Esta história demonstra o potencial de uma estratégia revolucionária regional. A revolta unida tem o poder de transformar todo o Oriente Médio e Norte da África, derrubando regimes, expulsando potências imperialistas e encerrando o apoio dessas duas forças ao Estado de Israel, enfraquecendo-o no processo. O ministro de extrema direita Avigdor Lieberman reconheceu o perigo que as revoltas populares regionais representavam para Israel em 2011 quando disse que a revolução egípcia que derrubou Hosni Mubarak e abriu as portas para um período de abertura democrática no país era uma ameaça maior para Israel do que o Irã.

Esta estratégia revolucionária regional deve ser complementada nas metrópoles capitalistas pela solidariedade da classe trabalhadora contra seus governantes imperialistas. Este não é um ato de caridade, mas no interesse dessas classes, cujos dólares de impostos são desviados de programas sociais e econômicos desesperadamente necessários para apoiar Israel e cujas vidas são rotineiramente desperdiçadas em guerras imperiais e intervenções para reforçar Israel e a ordem estatal

a terra é redonda

existente na região.

Mas tal solidariedade não acontecerá automaticamente; a esquerda deve cultivá-la politicamente e agitá-la na prática. A tarefa mais importante da esquerda é ganhar sindicatos, grupos progressistas e movimentos para apoiar a campanha pelo Boicote, Desinvestimento e Sanções contra Israel para acabar com o apoio político, econômico e militar imperialista a Tel Aviv. Tal luta e solidariedade anti-imperialista podem enfraquecer as potências imperialistas, Israel e todos os outros regimes despóticos na região, abrindo espaço para a resistência popular em massa de baixo para cima.

Esta estratégia revolucionária regional e internacional é a alternativa à dependência do chamado Eixo de Resistência do Irã. Isso falhou. Agora precisamos construir um eixo genuíno de resistência de baixo: as classes populares na Palestina e na região apoiadas pela solidariedade anti-imperialista em todos os grandes estados de poder enraizados nas lutas populares dos trabalhadores contra suas classes dominantes. Somente por meio de tal estratégia podemos construir o contrapoder para libertar a Palestina, a região e nosso mundo das garras do imperialismo e do sistema capitalista global por trás dele.

***Joseph Daher** é professor de ciência política. Autor, entre outros livros, de *Syria after the Uprisings* (Pluto).

Tradução: **Sean Purdy**.

Publicado originalmente no site [Tempest Magazine](https://tempestmagazine.com/a-terra-e-redonda-existe-gracas-aos-nossos-leitores-e-apoiadores/).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[**CONTRIBUA**](#)